

# O Cerne da Questão

O diretor da área internacional do Banco Central respondeu ao coro de derrotismo que centra seus argumentos contra o Plano Real na valorização do câmbio. Em entrevista ao **JORNAL DO BRASIL**, domingo, Gustavo Franco lembrou que o centro de gravidade do Real continua sendo o ajuste fiscal.

Enquanto o Congresso não aprovar as reformas constitucionais que permitirão ao governo federal (e aos governos estaduais e às prefeituras) avançar nas reformas administrativa, da previdência e tributária, com a aceleração da privatização, a política econômica continuará amarrada ao câmbio e às altas taxas de juros, que esfriam o crescimento.

Ironizando os erros de avaliação que previam para 1995 dificuldades na área cambial (não confirmadas) e não alertavam devidamente os clientes para os graves problemas fiscais, Franco diz que o coro dos descontentes tem muito a ver com a necessidade pessoal dos consultores econômicos de reparar as falhas profissionais do ano passado.

Para Franco a melhor receita para crescer e gerar empregos continua sendo a estabilidade da moeda, pela segurança que dá aos investimentos privados. A notória e comprovada incapacidade financeira do setor público inviabiliza a tentativa de algumas correntes políticas em ressuscitar o falido modelo de desenvolvimento liderado pelo Estado.

A tese de que o governo vivia da inflação ficou provada após o Real. Embora perdendo os ganhos financeiros decorrentes na demora da liberação de verbas, o

setor público insistiu na prática dos reajustes salariais, contando com o aumento da arrecadação proveniente do processo inflacionário. Como isso não ocorreu, os estados e municípios quebraram literalmente, salvo honrosas exceções.

Como esse ajuste fiscal está sendo ditado pelas circunstâncias, a privatização iniciada pelos estados e a contenção dos salários do funcionalismo, incluindo os planos de demissão voluntária, vão fazendo parte do trabalho de saneamento das finanças dos estados e municípios.

Tais movimentos permitem a Gustavo Franco arriscar a previsão de que o déficit orçamentário do setor público nacional cairá dos R\$ 45 bilhões no ano passado para R\$ 27 bilhões. Esse rombo, equivalente a 4,5% do PIB, está dentro dos parâmetros europeus, mas acima do teto de 3% do PIB exigido para que os países da União Européia integrem o sistema da moeda única em 1º de janeiro de 1998.

A solução dos problemas brasileiros depende menos de idéias como a da Associação Comercial do Rio de Janeiro, que quer comemorar o aniversário do Real com a volta aos preços e tarifas de julho de 1994. Mais que de nostalgia, o Brasil precisa é da centelha da esperança renovadora da confiança no futuro. A Associação Comercial e os empresários seriam mais úteis se agissem junto ao Congresso para que deputados e senadores aprovelem com mais rapidez as reformas que ajudarão a mudar a face do país e a garantir a estabilidade duradoura.